

RURAL SEMAMAL

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ANO XXIII - nº 8 - 30 de maio a 5 de junho de 2016



Cooperação

Fórum no IM concretiza intercâmbio entre
UFRRJ e universidade de Barbados P.5

Semana de Arquitetura

Estudantes trocam experiências com especialistas
e discutem desafios da carreira P.4

Editorial

A garantia do desenvolvimento sustentável

Na semana em que a presidência da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado fará audiência pública em 24 de maio para discutir a fusão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) com o Ministério das Comunicações, esta coluna abre seu espaço editorial para trechos do documento elaborado por várias entidades científicas do país. Destacam-se entre as signatárias a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Academia Brasileira de Ciências (ABC), a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (Foprop) e a Academia Nacional de Medicina (ANM):

"O MCTI é o motor do desenvolvimento nacional

"A possível fusão entre o MCTI e o Ministério das Comunicações, que tem sido noticiada pela imprensa, é uma medida artificial que prejudicaria o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação do País.

"É grande a diferença de procedimentos, objetivos e missões desses dois ministérios. A agenda do MCTI é baseada em critérios de mérito científico e tecnológico, os programas são formatados e avaliados por comissões técnicas que têm a participação da comunidade científica e também da comunidade empresarial envolvida em atividades de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Essa sistemática é bem diferente da adotada pelo Ministério das Comunicações, que envolve relações políticas e práticas de gestão distantes da vida cotidiana do MCTI.

"Além disso, há uma enorme diferença de missões. O leque de atividades na área das comunicações inclui concessões de emissoras de rádio e televisão, empresas de correio, governança da internet, fiscalização de telefonia e TV paga. Na área do MCTI, estão o fomento à pesquisa, envolvendo inclusive a criação de redes multidisciplinares e interinstitucionais de pesquisadores, programas temáticos em diversas áreas importantes para a sociedade brasileira, fomento à inovação tecnológica em empresas, administração e fomento das atividades envolvendo energia nuclear, nanotecnologia, mudanças climáticas e produção de radiofármacos, entre tantas outras. O MCTI é responsável ainda por duas dezenas de institutos de pesquisa, envolvendo pesquisa básica e aplicada em um grande número de temas: da biodiversidade amazônica a atividades espaciais; da matemática pura ao bioetanol; da computação de altíssimo desempenho ao semiárido nordestino.

"A junção dessas atividades díspares em um único Ministério enfraqueceria o setor de ciência, tecnologia e inovação, que, em outros países, ganha importância em uma economia mundial crescentemente baseada no conhecimento e é considerado o motor do desenvolvimento. [...].

"O MCTI e suas agências têm desempenhado papel fundamental para o avanço da ciência e da tecnologia e, por consequência, para o protagonismo do Brasil no cenário científico global. Se há duas décadas o Brasil ocupava a 21ª posição no ranking mundial da produção científica, hoje já se encontra no 13ª lugar. No mesmo período, a produção científica mundial cresceu 2,7 vezes; a do Brasil cresceu 6,83 vezes – índice semelhante ao da Coreia do Sul (7,15) e superior a tantos outros países, como Canadá (2,14), Alemanha (2,0), Reino Unido (1,92), EUA (1,67) e Rússia (1,6).

[...]

"A nova política industrial brasileira, baseada na melhoria da capacidade inovadora das empresas, também só foi possível em razão da existência do MCTI e sua capacidade de articulação entre os universos acadêmico e empresarial. Deve-se registrar ainda a atuação transversal do MCTI em diversas áreas do governo federal e da sociedade, como saúde, educação, agropecuária, defesa, meio ambiente e energia.

"Por essas e outras razões, cumpre preservar o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Cada vez mais o MCTI deve ser reforçado, com financiamento adequado e liderança que olha o futuro, para que possa cumprir eficazmente sua missão de beneficiar a sociedade brasileira com os resultados da ciência e da tecnologia e promover o protagonismo internacional do País. Diminuí-lo pela associação com setores que pouco têm a ver com sua missão compromete aquele que deve ser o objetivo último das políticas públicas: garantir um desenvolvimento sustentável nos âmbitos, econômico, social e ambiental.

"São Paulo, 11 de maio de 2016." ▣

Opinião

MONOGRAFIA EXEMPLAR

• *Raphael Castelo Branco da Silva, estudante do 5º período e membro do Laboratório de Economia e História da UFRRJ*

Como membro do colegiado do Departamento de História e Relações Internacionais da UFRRJ, quero parabenizar nosso colega de curso, Eriknatan Clementino Medeiros, que teve sua monografia selecionada para publicação em concurso promovido pela Editora da Universidade Rural (EduR). Não posso deixar de abordar a enorme relevância obtida com sua pesquisa em seu bairro, Quirino, onde reside, e na cidade de Valença/RJ. Seu trabalho amplia as informações sobre a história, cultura e patrimônio dessas regiões, bem como contribui no resgate e preservação da fascinante memória ferroviária.

O projeto de Eriknatan objetivou maior entendimento sobre a história de Quirino por meio da memória dos moradores, tendo como principal referência a época em que a Linha de Jacutinga, da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFGB), atravessava o local. Ele analisa o trem de passageiros entre 1950 e 1972, quando o mesmo foi desativado, mostrando como a imagem desse meio de transporte é constituinte da identidade da comunidade.

Esse processo de desativação de ramais ferroviários, considerados antieconômicos pela Rede Ferroviária durante a ditadura civil-militar (1964-1988), repetiu-se em outros locais do estado do Rio, como na total desativação da Estrada de Ferro Rio D'ouro, e em parte da Estrada de Ferro Leopoldina. Enquanto algumas linhas foram transformadas em corredores exclusivos de exportação de minérios, outras foram sumariamente condenadas à erradicação, como a Linha de Jacutinga, onde a Maria-Fumaça não cantou mais.

Confirmando que o trem era o principal meio de transporte e comunicação em Quirino, a monografia verifica a existência de uma interação mais aprofundada com a estação ferroviária do bairro, também espaço de sociabilidade. Como na canção de Milton Nascimento, a estação é um local de encontros e despedidas, que tem gente que vem e quer voltar, e tem gente que vai e quer ficar... Mas, para além das conversas, é ponto de informação, não apenas sobre a chegada do trem, mas também sobre o antes e o depois de sua partida, além de outras atividades, que não limitam o trem apenas à esfera logística.

As narrativas dos moradores como aporte metodológico foram fundamentais para o autor, visto que, relatando acontecimentos que marcaram suas vidas e do próprio bairro, ultrapassou-se o tempo em que o trem cortava a localidade. Todavia, o período de sua vigência foi apresentando como vital para a construção de uma identidade local.

Essa monografia, que concorreu na categoria *Série Thesis*, foi elaborada para obtenção do título de licenciado em História, sendo desenvolvida sob a orientação da professora Patrícia Reinheimer (Departamento de Ciências Sociais/UFRRJ). Apresentada e defendida no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IChS), foi aprovada com louvor em dezembro de 2014. O professor Fábio Koifman, membro da banca examinadora, recomendou o oferecimento do texto a editoras para publicação, incentivando ainda a continuação em um mestrado.

A pesquisa foi enaltecida no Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Prof. Rogério Tjader, importante espaço de preservação do patrimônio do município de Valença e da região do Médio Paraíba. O vencedor e sua monografia também receberam elogios do diretor do Museu Ferroviário de Valença, Marco Antônio Silvestre de Souza, e indicação para o Prêmio Sílvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular (Edição 2015), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). ▣

Os textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do **Rural Semanal** ou da Reitoria.



Gratidão. Com 32 anos trabalhando na Rural, Marcos se diz realizado

DE RURALINO A PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Marcos Gervasio relembra sua história com a Rural e fala de suas pesquisas acadêmicas

• Beatriz Rodrigues

Marcos Gervasio Pereira tem uma história longa e cheia de realizações dentro da Universidade Rural. Foi aqui onde ele se formou engenheiro agrônomo e concluiu o doutorado em Agronomia, na área de Ciência do Solo, em 1996. Já publicou 263 artigos em periódicos especializados, 457 trabalhos em anais de eventos e recebeu 27 prêmios com suas pesquisas. Hoje, ele atua como professor titular do Departamento de Solos; orientador dos cursos de pós-graduação em Agronomia, Ciências Ambientais e Florestais; e em Engenharia Agrícola e Ambiental. Além disso, é membro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) de avaliação de programas de pós-graduação na área de Ciências Agrárias. Desde os 17 anos, seu contato com a Rural só aumentou e a gratidão por fazer parte da história da instituição que mudou sua vida é visível na dedicação ao trabalho.

Como foi sua experiência como estudante aqui na Universidade?

Marcos Gervasio – Cheguei à Rural para estudar em 1983. A minha origem não era agrícola, mas desde menino me interessava por agronomia e agricultura, principalmente, pela parte chamada fitotecnia, que eu ainda não conhecia muito bem. Decidi, então, fazer o vestibular e entrei no segundo semestre. E no quinto semestre, quando eu fiz a disciplina de Fundamentos da Ciência do Solo, com o professor Eduardo Lima, eu identifiquei a minha vocação para trabalhar com solos.

De que forma ocorreu uma interação maior com a área acadêmica?

M. G. – Eu resolvi me engajar mais no Departamento de Solos ao perceber minha compatibilidade com a área. Primeiramente, trabalhei como estagiário e me tornei monitor da disciplina de Fundamentos da Ciência do Solo. Logo mais, me tornei bolsista de pesquisa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Com isso, me senti uma pessoa muito realizada e decidida. Fiz minha pós-graduação, meu doutorado e, no meio do processo, abriu um concurso para a Rural e eu deci-

di fazer. Fui aprovado como professor na Universidade em 1994. Eu me tornei professor antes mesmo de concluir o doutorado, coisa que hoje em dia não se pode mais. Desde esse momento, eu comecei a orientar alunos, monitores e bolsista de iniciação científica. A partir de 1998, me titulei como doutor e comecei a orientar junto à pós-graduação e, no momento, auxilio no programa de Ciências Ambientais e Florestais e Engenharia Agrícola e Ambiental.

Qual a relação do curso de Agronomia e da Universidade com a prática de pesquisas agrícolas?

M. G. – A Universidade Rural, em seu nascimento, era predominantemente agrícola. Quando eu comecei a estudar aqui, eram 14 cursos; e hoje já são mais de 60. Em função da expansão, ocorreu um predomínio de investimentos voltados para cursos não agrícolas. E como a quantidade de recursos destinados às universidades não aumentou paralelo a isso, os recursos em geral diminuíram bastante. Dentro da área agrária, você tem, predominantemente, os cursos de pós-graduação melhores pontuados na Capes. E são esses cursos que contribuem muito para o desenvolvimento de pesquisas dentro das universidades. Inclusive, é uma maneira de o professor levar para os seus alunos de graduação um conhecimento de ponta por meio das pesquisas que ele realiza. Acaba por não ser um conhecimento somente teórico de um livro.

Como professores e alunos conseguem ter informação sobre novas áreas de estudo?

M. G. – Nós temos o costume de participar de viagens que são chamadas de Reuniões de Correlação e Classificação dos Solos, que ocorrem em diferentes partes do Brasil. Todo o conhecimento, a diversidade ambiental e cultural que adquirimos, nós trazemos de volta para os nossos alunos. Na última viagem, nós fomos para Roraima, e já temos uma prevista para Rondônia, ano que vem. Com isso, a gente sempre tem registros sobre como é a vegetação, como os solos são manejados na região, e sempre compartilhamos isso nas nossas aulas.

Depois de vários anos na Rural, como é a sua relação com a Universidade?

M. G. – Eu tenho 51 anos e cheguei aqui com 17 anos. Eu passei mais da metade da minha vida aqui. Ano passado, eu virei professor titular e uma das coisas que eu disse na apresentação do meu memorial foi exatamente isso que você me perguntou. Vou ler agora pra você. "Posso dizer que, durante os quase 32 anos que trabalho aqui, esse lugar que eu tive a felicidade de escolher como lugar de crescimento profissional foi também o responsável pelo meu amadurecimento pessoal. Tornou-se minha casa, me viu chegar menino e hoje me vê como profissional consciente e que espera estar contribuindo com a formação, não só de novos técnicos, mas também de pessoas engajadas em tornar nosso país, e quiçá o mundo, um lugar melhor para se viver. Obrigado, Rural. Por tudo". ■

Evento



GLÁUCIA ROSA (ORGANIZAÇÃO DA SEMAU)

Reutilização. Na oficina de *pallet*, estudantes confeccionam móveis com material que seria descartado

ARQUITETOS EM CONSTRUÇÃO

Semana de Arquitetura e Urbanismo discute formação profissional e debate tema 'Luxo ou necessidade?'

• Bruna Somma

Trocar experiências é fundamental para os estudantes em formação na Universidade. O que é ensinado em sala de aula nem sempre se assemelha aos desafios e ao exercício da profissão no dia a dia. Por isso, o contato com profissionais que estão no mercado é de suma importância para que eles possam explicar como o trabalho, realmente, é desempenhado. Com essa proposta, nos dias 9, 10 e 11 de maio ocorreu a VIII Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo (Semau/UFRRJ), que contou com palestras, oficinas e bate-papos realizados no Instituto de Tecnologia (IT) e no Pavilhão Central (P1). Os 122 alunos inscritos puderam trocar conhecimentos e vivenciar o campo em que pretendem atuar.

A temática abordada por esta edição foi "Luxo ou necessidade?". Procurou-se debater se a arquitetura é um artigo de luxo, disponível a poucas pessoas, ou se é uma necessidade de todos. A aluna Gláucia Rosa, do 8º período, explicou que contratando um arquiteto se economiza em duas frentes: o trabalho é realizado com o mínimo material possível e o custo benefício é gerado em longo prazo. Além disso, ressaltou que os arquitetos também se preocupam com o social.

– A gente não faz só prédios enormes. Também vemos a questão da moradia, se a rua está adequada e trabalhamos pensando no social. Podemos, por exemplo, fazer aberturas para que a luminosidade possa entrar em uma casa e não ser necessário utilizar a luz elétrica durante o dia, o que gera uma economia na conta – explicou a discente, que também fez parte da comissão organizadora com mais 11 alunos de arquitetura e duas professoras do departamento.

Troca de Experiências

O primeiro e o terceiro dia do evento foram destinados a palestras e debates. Arquitetos conceituados na área vieram prestigiar à Semana Acadêmica, como por exemplo, Petar Vrcibradic. Ele discursou sobre sua experiência profissional em escritórios internacionais de arquitetura e no projeto do Parque Olímpico. Outro profissional do campo foi Nuno Andre Patricio que, em sua fala, mostrou como é trabalhar diretamente com a co-

munidade, tendo em vista que participou do Programa de Aceleração e Crescimento (PAC) no complexo do Alemão – projeto federal de urbanização de favelas e melhorias habitacionais.

Representantes do escritório "Terra e Tuma" também marcaram presença no evento. Eles vieram contar sobre o projeto feito para uma moradora da Vila Matilde, em São Paulo, que ganhou o prêmio internacional "Building of the Year 2016" (melhor construção do ano), do site especializado *ArchDaily*.

Outro destaque foi o arquiteto Vicente Loureiro, secretário de Estado e coordenador executivo do Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur) no Rio de Janeiro. Ele apresentou a palestra sobre o plano estratégico de desenvolvimento urbano integrado da região metropolitana do Rio. E destacou a importância da Baixada Fluminense e da escola de arquitetura da Rural por ser a única em uma instituição pública na região.

– A escola de Arquitetura da Rural reserva uma semana para trazer o que está acontecendo em vários temas, mas também fazendo com que a realidade da região fique presente nessas discussões. Essa relação dialética é muito positiva e ainda reforça o sentimento nos alunos de que é possível fazer as coisas. Trocar experiências e pontos de vistas é enriquecedor tanto para os alunos como também para os professores e para nós convidados – argumentou Loureiro.

Durante o segundo dia, o evento contou com diferentes oficinas no IT. Dentre elas, a de *pallets*, em que os estudantes confeccionaram móveis feitos com material que seria descartado; a de orçamento, em que aprenderam a calcular custo de obras; a de Taipa de Pilão, que explicou o novo método de construção de casas feito com areia e outros tipos de agregados; e a de intervenções Urbanas em Seropédica, em que a proposta era idealizar um programa de urbanismo para o Centro da cidade, no Km 49.

– A Semana Acadêmica é uma oportunidade para que os alunos percebam como é o exercício da profissão e os desafios que são colocados dia a dia. Acho que isso é importante para que os estudantes tenham um panorama da construção da arquitetura no Brasil e fora do país e que possam somar essas experiências à sua vida cotidiana do aprendizado – concluiu Humberto Kzure, professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU). ■

“ A gente não faz só prédios enormes. Também vemos a questão da moradia, se a rua está adequada e trabalhamos pensando no social. ”

Gláucia Rosa,
aluna do 8º período de Arquitetura e Urbanismo



Cooperação. Estudantes da UWI comemoram a parceria entre Brasil e Barbados

INTERCÂMBIO HISTÓRICO E CULTURAL

Universitários da América Central visitam UFRRJ para o I Fórum Internacional de Estudantes

• Bruna Somma

Quem circulou pelo câmpus da Rural em Nova Iguaçu/RJ, do dia 16 a 20 de maio, pôde ouvir burburinhos e conversas em inglês pelos corredores. Algo inusitado para quem passa por ali diariamente. Na verdade, eram estudantes da América Central que vieram ao Brasil participar do Primeiro Fórum Internacional de Estudantes, realizado no Instituto Multidisciplinar (IM/UFRRJ). O evento debateu os diálogos da 'Diáspora Africana nas Américas'.

No total, eram 15 estudantes da University of the West Indies (UWI) – câmpus Barbados – naturais de diferentes países. O grupo contava com participantes vindos de Anguila, Saint Vincent e Ilhas Granadinas, Antigua, Inglaterra, Trinidad e Tobago, Granada e até da China. Eles chegaram em 15 de maio e ficaram hospedados em um hotel na cidade de Nova Iguaçu. A organização do evento ficou por conta do Departamento de História e Filosofia da UWI e do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros (Leafro) da UFRRJ. Além disso, integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) e do curso de Turismo auxiliaram, sobretudo nas traduções.

A viagem só foi possível graças ao acordo de cooperação firmado entre a UWI e a UFRRJ em 2014. Tal parceria tem como objetivo estabelecer o diálogo mútuo entre as instituições acerca da cultura africana, do negro e de sua história. Dessa forma, um espaço de interlocução entre os estudantes de vários cursos de graduação e de pós-graduação foi criado para discutir questões sobre a experiência e situação da população negra no continente americano, principalmente nas universidades.

O Fórum Internacional de Estudantes foi o primeiro ato concreto desse acordo e debateu, justamente, a luta em favor de um discurso étnico, enaltecendo que não há diferença por uns serem brancos e outros negros. No fundo, somos todos iguais. O contato com a UWI permitiu que os estudos que estavam focados no campo internacional mais para América e para África, se voltassem para articulação Caribe-América Latina e, talvez, também a África. Por isso, o título do evento foi 'Diálogos da Diáspora Africana nas Américas'.

– Os povos africanos foram escravizados a partir de uma política internacional colonial dos povos euro-

peus. E foram, forçosamente, espalhados pelo mundo. Repensar o Brasil a partir da perspectiva dos afro-brasileiros é fantástico porque tudo que aprendemos na escola foi na perspectiva do europeu – argumentou Otair Fernandes, coordenador do Leafro.

O evento contou com palestras, rodas de conversa, painéis, e atividades culturais, que foram acompanhados de tradução simultânea para que todos pudessem entender as pautas e as discussões propostas. Os estudantes também visitaram a escola de samba da Mangueira, o quilombo Cafundá Astrogilda, o barracão da Vila Isabel na cidade do samba e fizeram um *city tour* pelos lugares da memória negra no Rio de Janeiro (Pedra do Sal, Cais do Valongo, Pequena África e Instituto Novos Pretos).

Para Samantha Orr, estudante de Letras da UWI, o Fórum foi uma oportunidade para aplicar os conhecimentos que obteve na universidade.

– Eu estudei aspectos do Brasil como, por exemplo, a história do carnaval e os diferentes tipos de festas culturais como o candomblé. Minha expectativa com esse Fórum é que possamos conhecer algumas das raízes afro-brasileiras, e espero aprender mais sobre o racismo que os brasileiros sofrem até hoje. Além disso, o Rio é um local que a gente só via em filmes. Então, estou bem animada para conhecer. Para mim, ir a esses lugares e fotografá-los vai ser algo especial – relatou a aluna sobre suas expectativas, em sua primeira viagem à América do Sul.

“Minha expectativa é que possamos conhecer algumas das raízes afro-brasileiras, e espero aprender mais sobre o racismo que os brasileiros sofrem até hoje.”

Samantha Orr,
estudante de Letras da UWI, câmpus Barbados

O primeiro dia do evento foi marcado pelas boas-vindas e pela recepção feita pelos colegas rurais. A reitora da UFRRJ, Ana Dantas, destacou, em seu discurso, que o Fórum foi um momento histórico. O evento, para ela, foi fruto de uma luta pela discussão e reflexão na Universidade sobre a questão da minoria étnico-racial e as possibilidades de interação de conhecimento que existe no nosso país e fora dele.

– É fundamental que a gente se fortaleça para lutar na permanência de ações efetivas que demonstrem a Universidade em todas as suas multiplicidades de aspectos, sobretudo no recebimento das minorias que foram, historicamente, colocadas fora deste espaço acadêmico – concluiu a reitora.

Segundo a comissão organizadora, o evento superou as expectativas. Durante a plenária final, estabeleceu-se a previsão para que, em abril de 2017, um grupo da Universidade Rural faça o caminho contrário e vá até a UWI, em Barbados. ■

EXPOSIÇÃO DE ORQUÍDEAS E BROMÉLIAS

A 11ª edição da Exposição de Orquídeas e Bromélias da UFRRJ será realizada entre os dias 1º e 3 de junho, no campus Seropédica. Confira a programação:

Dia 1º de junho de 2016 (quarta-feira). 12h – Abertura, com apresentação do Coral da UFRRJ. Local: Hall de entrada do Pavilhão Central. | 12h15 – Lançamento do livro 'Orquídeas do gênero catasetum no Brasil', do professor Ricardo Tadeu de Faria (Universidade Estadual de Londrina – UEL) e outros. Local: Hall de entrada do Pavilhão Central. | 13h às 15h30 – Oficinas: — 'Noções básicas de cultivo de orquídeas'. Ricardo Figueiredo (OrquidaRio). Local: Adur. Local: Debaxo do pé de tamarindo (jardim interno do Pavilhão Central) [*]. — 'Ilustração botânica'. Prof. Paulo Ormino (UFRRJ). Local: Sala Multimídia (sala 82, 2º andar do P1). Vagas limitadas. Os interessados deverão comparecer munidos de material de desenho. Mais informações pelo e-mail pomindo@uol.com.br. | 13h30 às 15h30 – Palestra: 'Cultivo de bromélias ornamentais'. Carlos Amaral (Rio Bromélias). Local: Sala 121 (Sala dos Órgãos Colegiados, 3º andar do P1). Minicurso: 'Propagação vegetativa de orquídeas in vitro'. Prof. Ricardo Tadeu de Faria (UEL). Local: Auditório Hilton Salles (sala 75, 2º andar do P1).

Dia 2 de junho de 2016 (quinta-feira). 9h às 11h30 – Minicurso: 'Propagação vegetativa de orquídeas in vitro'. Prof. Ricardo Tadeu de Faria (UEL). Local: Gustavão. | 13h30 às 15h30 – Palestra: 'Preservação e ocorrência: orquídeas da cidade do Rio de Janeiro'. Delfina de Araújo e Maria do Rosário Braga. Local: Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), Sala 34, 2º andar. | 13h às 17h – Orquídeas & Arte. Local: Jardins do P1. | Jornada de Pintura e Fotografia – Rural das Orquídeas. Inscreva-se ao chegar ao evento de (13h às 14h). Traga seu material de pintura ou fotografia; faça seu trabalho de arte (pinte, fotografe ou crie de outra forma) dentro do tema "rural das orquídeas". Entregue seu trabalho à comissão organizadora até 17h. Os trabalhos ficarão expostos virtualmente no site da UFRRJ. Uma comissão julgadora irá escolher os melhores trabalhos, que irão compor o calendário "Rural das Orquídeas 2017". Informações: abboud.acs@gmail.com. O Departamento de Belas Artes irá participar da Jornada, além de oferecer uma oficina de ilustração botânica com o professor Paulo Ormino.

Dia 3 de junho de 2016 (sexta-feira). 9h às 11h30 – Oficinas: — 'Noções básicas de cultivo de orquídeas'. Ricardo Figueiredo (OrquidaRio). Local: Debaxo do pé de tamarindo (jardim interno do Pavilhão Central) [*]. — 'Clonagem de orquídeas'. Prof. Ricardo Tadeu de Faria (UEL). Local: Instituto de Agronomia. Vagas limitadas. Mais informações com o prof. João Araújo: araujoft@ufrj.br.

[*] Em caso de chuva, a atividade ocorrerá na Sala 28 (sala do Coral, no 1º andar do P1).

Comissão organizadora: Antonio Carlos de Souza Abboud (IA), João Sebastião De Paula Araújo (IA) e Teresinha Paciolo (Ouvidoria e SIC).

Apoio: Pró-Reitoria de Extensão (Proext/UFRRJ)

SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO

A Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (Cotic), vinculada à Pró-Reitoria de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional (Propladi/UFRRJ), informa que o Sistema Integrado de Gestão (SIG) está disponível para ser utilizado pelos servidores da Universidade desde 30 de maio. O SIG une em um único sistema as áreas fim (atividades acadêmicas) e meio (atividades administrativas) da Universidade. O primeiro módulo a ser disponibilizado é o de Recursos Humanos (SIG-RH), em que o servidor terá disponíveis os serviços referentes a cadastro pessoal e funcional. Para utilizar o SIG-RH:

- Acesse a página sigrh.ufrj.br;
- Clique em 'Entrar no sistema' (lado superior direito da página);
- Para primeiro acesso, clicar em 'cadastre-se', no final da página;
- Realize o seu cadastro;
- Em seguida, o sistema enviará um e-mail de confirmação;
- Confirmando o e-mail, o servidor já pode acessar o sistema.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA

O Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (PPGF/UFRRJ) está com inscrições abertas, até 20 de junho, para o Processo Seletivo 2016-II (mestrado e doutorado). Os interessados devem se inscrever na Divisão Acadêmica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPPG/UFRRJ), Sala 115 do Pavilhão Central (câmpus Seropédica). A realização da prova escrita está prevista para 30 de junho. Acesso ao edital e mais informações no site <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgf>



#ruralnafoto



O tema da última semana foi "**Céu ruralino**". A foto escolhida foi tirada por @elianeaquino: "Amanhecer colorido.... #morning #nature #ruralnafoto" O próximo tema será "**Cães da Rural**". Além de a fotografia sair aqui no **Rural Semanal**, também a colocaremos na página oficial da UFRRJ no Facebook ([facebook.com/universidadefederalrural](https://www.facebook.com/universidadefederalrural)).

'MEMÓRIAS EDUCACIONAIS DA CLASSE TRABALHADORA'

Este é o tema da palestra do professor Rogério de Castro (Colégio Pedro II), que será realizada em 8 de junho, às 18h, no Auditório Paulo Freire (IChS/UFRRJ). Mediadora: professora Maria Angélica Coutinho (IE/UFRRJ).

Expediente



[/universidadefederalrural](https://www.instagram.com/universidadefederalrural)



[/universidadefederalrural](https://www.facebook.com/universidadefederalrural)



[@ufrrjbr](https://twitter.com/ufrrjbr)

Reitor: Ana Maria Dantas Soares | **Vice-Reitor:** Eduardo Mendes Callado | **Pró-Reitor de Assuntos Administrativos:** Pedro Paulo de Oliveira Silva | **Pró-Reitor de Assuntos Financeiros:** Nidia Majerowicz | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto da Ros | **Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Ligia Machado | **Pró-Reitora de Extensão:** Katherina Coumendouros | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Valdomiro Neves Lima | **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Cristiane Venancio | **Jornalistas:** Aline Avellar, Fernanda Barbosa e João Henrique Oliveira | **Secretário:** Daniel Dias | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, Bruna Somma, Caroline Feijó, Larissa Bozi Lima e Rômulo Norback | **Capa:** Larissa Bozi Lima | **Diagramação:** João Henrique Oliveira | **Projeto Gráfico:** Raomi Pani | **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | **CEP:** 23897-000 | **Tel:** (21) 2682-2915 | **E-mail:** comunicacao@ufrj.br | **Portal:** www.ufrj.br | **Impressão:** Imprensa Universitária | **Tiragem desta edição:** 1.000 exemplares



RURAL SEMANAL

Informativo da UFRRJ

ANO XXIII - n° 8 - 30 de maio a 5 de junho de 2016



<http://iq-cto/0y57>